

Rolando Freitas faz o balanço do ‘mundial’ sub-21

Poucas horas depois de ter caído o pano sobre o campeonato do Mundo de sub-21, pedimos ao seleccionador nacional Rolando Freitas que passasse em revista a participação portuguesa no ‘mundial’. Começando exactamente pelo início - pela qualificação de Portugal para o Egipto.

“Sempre quisemos muito qualificarmos-nos para o Campeonato do Mundo de Sub-21. Aliás, essa foi sempre uma meta que a própria coordenação técnica nacional impôs ao trabalho a desenvolver. Quando não nos apurámos para o Europeu sub-18, impusemos a nós próprios a meta que, quando chegasse a altura, tínhamos de conseguir o apuramento para o Mundial. E, porque há necessidade de explicar isto? Porque daí decorre a definição dos nossos objectivos para esta prova, fruto de experiências anteriores - objectivos definidos jogo a jogo, porque não basta dizer o que queremos fazer globalmente, sem pensar no particular”.

Rolando Freitas começa então a passar em revista os jogos do grupo D.

“O principal objectivo imediato era vencer Marrocos no primeiro jogo. Posto isso, ultrapassar os dois obstáculos africanos, tendo sempre em minha de conta que jogar com a Argélia ou Marrocos no inicio campeonato não é o mesmo que no final. Queríamos chegar ao jogo com a Rep. Checa só com vitórias, de forma a que fosse decisivo para o acumular de pontos, mas não para o apuramento para o ‘main-round’. Esta era então a principal meta que trazíamos para o Egipto - atingir o ‘main-round’ e estar nos 12 melhores do mundo”.

Mas a ambição do grupo não se esgotava aqui.

“A partir daí, os outros objectivos mais ambiciosos só poderiam ser definidos depois de sabermos o número de pontos com que passávamos à ronda seguinte e o posicionamento perante os restantes adversários”.

A VITÓRIA SOBRE A REPÚBLICA CHECA

Para o seleccionador nacional, “vencer uma forte selecção como a Rep. Checa teve o condão de nos animar e, ao mesmo tempo, desanimar os checos que, a partir daí e com a derrota seguinte frente à Dinamarca, tiveram uma quebra do seu jogo. Até ao jogo frente à Dinamarca todos os objectivos foram alcançados”.

E Portugal, não se limitava a ganhar. “Para além disso, jogávamos bem, defendíamos bem e criávamos situações de finalização. Mesmo no jogo com a Bielorrússia, que não precisávamos de ganhar, jogámos com uma alma de grande qualidade, o que se reflectiu no resultado final. Chegados ao jogo com a Dinamarca, colocamos-nos perante a possibilidade de ganhar e passar à segunda fase com o máximo de pontos. Passar com dois pontos foi muito bom; passar com quatro pontos seria óptimo. A verdade é que fizemos tudo para ganhar mas ainda não chegamos. Há um ano perdemos por 12 golos, desta vez por três golos. Deixa-nos contentes? Diz-nos que trilhamos

o caminho correcto. Melhor que nós, frente à Dinamarca, apenas os campeões do mundo, Alemanha.

Rolando Freitas recorda que “face aos dois pontos com que passamos e o restante enquadramento das outras selecções, cada vitória no ‘main-round’ significava um lugar mais à frente - uma vitória corresponderia ao jogo do 7º e 8º lugar, duas vitórias daria a presença no jogo do 5º e 6º lugar e com três vitórias estaríamos nas meias-finais”.

QUINTOS DA EUROPA

O seleccionador nacional passou depois em revista o que foi o caminho de Portugal no ‘main-round’.

“Não vencemos a Eslovénia e ficamos fora dos quatro primeiros lugares. A partir daí lutámos pela melhor classificação possível procurando vencer os dois jogos seguintes. Vencemos um e aí estivemos com a Espanha a lutar pelo sétimo lugar”. O seleccionador nacional volta a relevar que “o objectivo desta selecção sempre foi atingir o ‘main-round’ e aí lutar pelo melhor lugar. Fomos sétimos, tal como há um ano no ‘europeu’ de sub-20 disputado na Roménia. É uma classificação que tem que ser considerada como muito boa. Além disso, a análise ainda pode ser feita de outro modo. Há um ano éramos a sétima equipa da Europa e agora terminamos quintos da Europa, visto Egipto e Argentina terem ficado à nossa frente.”

Além disso, recorda o seleccionador nacional, “marcamos presença consecutiva no Mundial júnior o que deve ser enaltecido.

A COMPARAÇÃO COM OUTROS MUNDIAIS

Quando pedimos a Rolando Freitas que fizesse uma comparação com outros mundiais, só a muito custo conseguimos algumas palavras. Entende-se porquê.

“Não posso falar sobre a participação portuguesa nos restantes mundiais porque não estive lá, excepção ao Mundial da Macedónia e muitas contingências e/ou pormenores que sucedem durante a competição influenciam positiva ou negativamente a classificação final. A classificação é sempre um marco significativo para as selecções que aqui estiveram mas, outros valores também se levantam e importa saber quantos jogadores o nosso principal campeonato aproveitará ou quantos jogadores integrarão a selecção nacional A num futuro próximo. Por vezes, chega a ser impensável que, no momento actual do andebol nacional e internacional, alguns jogadores desta selecção não tenham propostas desportivas de acordo com as suas ambições e qualidade”, sustenta Rolando Freitas.

“Conquistar a segunda melhor classificação de Portugal, ficando nos oito primeiros, ainda por cima no ano em que elevaram para 24 o número de participantes, parece-me ser um resultado desportivo muito bom e que não pode ser comparado a outras participações anteriores com

menor número de participantes ou com outras formas de disputa. Porque são situações claramente diferentes”

Mas há questões que estão à vista e não são subjectivas.

“O que posso constatar é que a selecção nacional júnior de 2007 já deu dois jogadores à selecção nacional A - Nuno Pereira e Claudio Pedroso, o que é muito bom, e esta selecção deu em definitivo Fábio Magalhães e pontualmente, João Antunes, Tiago Pereira, Pavel Tsiunchyk, José Lopes e Bruno Dias. De qualquer forma, esta é apenas uma forma de ver o assunto.

FINAL DO CICLO

Com o campeonato do Mundo de Sub-21 chegou ao fim o ciclo desta geração. Rolando Freitas passa em revista todo esse percurso.

“Portugal esteve com esta geração entre os oito melhores da Europa e do Mundo. Disputou o jogo do 7º e 8º lugar no European Open sub-19. Marcou presença no Campeonato da Europa sub-20 e no Campeonato do Mundo sub-21. Venceu dois Torneios das Quatro Nações, tendo como oponentes a Alemanha, França e Espanha (neste campo há que salientar que Portugal tem protocolos com os países do Quatro Nações e do Scandibérico e que dos sete países envolvidos, seis estiveram no ‘main-round’ deste campeonato do mundo!) com a mesma geração, o que não é um acontecimento frequente - para nós foi a primeira vez. São bons resultados”, sustenta Rolando Freitas.

Além disso, “promoveu-se a ida de seis jogadores para a Selecção Nacional A e integrou-se os jogadores mais jovens, de acordo com as circunstâncias competitivas e o nível desportivo por eles revelado. Foi dada a oportunidade a muitos jogadores de estarem na Selecção e mostrarem as suas competências, sem destruir um bloco principal que constituiu a base de trabalho deste grupo. Esta chamada de atenção prende-se com o facto de nunca termos fechado a porta da selecção a quem demonstrasse valor para tal, sem atraiçoar os nossos princípios de trabalho. Evoluímos muito no nosso jogo, com o trabalho individual desenvolvido pelos jogadores, com o seu trabalho nos clubes e com as oportunidades competitivas que muitos dispuseram, na qualidade individual dos jogadores, no aspecto físico e noutros aspectos que acompanham o rendimento e o trabalho de uma equipa. Mas ainda falta avançar mais”, alerta Rolando Freitas.

“ Se queremos ser ambiciosos e chegar mais longe, ainda não chega. Se enalteço o trabalho que os clubes fazem e as oportunidades que concedem a estes jovens, não posso deixar de questionar que os mesmos jogadores não sejam alvo de programas diferenciados de crescimento desportivo individual, paralelo ao trabalho colectivo e estratégico que realizam em prol da equipa. Isso mais tarde vai ter as suas repercussões positivas ou negativas. Enfim, há que continuar e prosseguir com o trabalho e acreditar nos valores e princípios que nos orientam e que as tendências internacionais ditam”.